

DOSSIÊ - ENTREVISTA

Gabriela Mieto / Divulgação



Prof.ª. Dr.ª. Gabriela Sousa de Melo Mieto

Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP campus Bauru (1996), mestre em Psicologia pelo IP/UnB (2003), e doutora em Processos do Desenvolvimento Humano e Saúde pelo PED/IP/UnB (2010). É professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (PED) do Instituto de Psicologia da UnB. Atua como orientadora de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Processos do Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS/PED/IP/UnB). É membro do laboratório Ágora Psyché (IP/UnB), e do Grupo de Pesquisa GPPCult (CNPq), e atua como colaboradora junto ao grupo de pesquisa Desarrollo Temprano y Educación - DETEDUCA (Universidad Autónoma de Madrid). É fundadora e coordenadora do Projeto de Extensão "Mãos que cuidam: enlaces entre pessoas e acervos" e coordenadora substituta do Projeto de Extensão "Livros Abertos: Aqui todos contam!", de autoria da professora Eileen Flores.

Prática pedagógica inclusiva: Psicologia histórico-cultural e formação de professores

1. Revista *Com Censo* (RCC) - Em sua visão, quais seriam as principais ideias da Psicologia histórico-cultural que promoveriam uma prática pedagógica inclusiva?

Gabriela Mieto - Inicialmente, gostaria de agradecer a oportunidade de dialogar com inúmeros profissionais da educação, respondendo a esta breve entrevista. Minha ideia é pincelar algumas considerações sobre o que está sendo arguido, consciente de que este espaço não será suficiente para maiores aprofundamentos sobre o assunto. Porém, espero compartilhar um pouco das reflexões sobre o que tem me constituído como professora e psicóloga, na expectativa de que os leitores possam buscar melhor desenvolvimento posterior.

Bem, quando penso nas interfaces da Psicologia histórico-cultural com a prática pedagógica inclusiva, me remeto imediatamente aos pressupostos de Vygotsky em seu Tratado de Defectologia, obra em que o autor, no início do século passado, já apresentava ideias de vanguarda, e que seguem atuais. De forma bastante resumida, posso dizer que nesse tratado o autor explica a construção social da deficiência, afirmando que as barreiras orgânicas ou biológicas que uma pessoa apresenta não são limitadoras por si só, independentemente de qual seja o seu caso – deficiência intelectual, deficiência auditiva, deficiência visual ou deficiência física. Vygotsky afirma que a deficiência em si não é uma barreira para a pessoa, mas que ela encontra barreiras sociais e culturais para lidar com aspectos peculiares do seu desenvolvimento. A partir dessa ideia podemos dizer que cabe a qualquer educador repensar a sua prática diante de uma pessoa com alguma deficiência, e que essa prática deve ser construída coletivamente, no sentido de ampliar os recursos disponíveis para que a pessoa aprenda e se socialize da melhor forma possível, uma vez que todas as pessoas estão em desenvolvimento – estudantes e educadores, com ou sem deficiência.

2. RCC - Muitos autores tecem uma proximidade entre os teóricos Piaget e Vygotsky, classificando-os como interacionistas. Como você analisa essa proximidade?

Gabriela Mieto - A proximidade existe porque Piaget e Vygotsky consideram em suas concepções de desenvolvimento tanto os aspectos biológicos quanto os aspectos sociais. No entanto, apresentam ênfases bastante distintas diante desses aspectos: Piaget ressalta os aspectos biológicos e Vygotsky, por sua vez, realça as relações sociais e culturais que promovem o desenvolvimento. É importante reconhecer o caráter interacionista de cada um desses autores, mas é ainda mais importante reconhecer as diferenças que apresentam, pois são leituras muito distintas sobre as trajetórias de desenvolvimento ao longo do ciclo da vida.

3. RCC - Como a Psicologia histórico-cultural vem sendo abordada na formação inicial dos professores? E em que medida essa formação poderia impactar na organização do trabalho pedagógico na perspectiva inclusiva?

Gabriela Mieto - Na experiência que tenho com a formação inicial de professores, percebo que a teoria histórico-cultural tem ganhado terreno, tanto para pedagogos quanto para as diversas licenciaturas, como matemática, física, química, letras, etc., mas encontramos algumas dificuldades. Verifica-se, por exemplo, que existem muitas inconsistências nas principais traduções que foram realizadas para a Língua Portuguesa, assim como importantes obras, como o Tratado de Defectologia, que sequer foi traduzido na íntegra no nosso país, dificultando o acesso dessa obra aos professores em formação.

No entanto, pressupostos básicos da teoria histórico-cultural - que são abordados na formação inicial e que tratam do desenvolvimento humano como processo, enfatizando os contextos culturais aos quais estamos inseridos, indicando que as pessoas transformam e são transformadas pelas relações que constroem - permitem uma reflexão sobre o entorno pedagógico que construímos. Não caberia uma receita única ou universal para o que se deve fazer. A receita talvez não aplique receitas. É necessário um planejamento que se adeque a cada realidade, pensando no macro e no micro: Em que escola estou trabalhando? Qual é a comunidade de estudantes que atendo? Quem são os colegas com quem trabalho? Como posso ajudá-los? Como posso pedir ajuda? E a(s) turma(s) em que dou aula? Que peculiaridades encontro? Como lidar melhor com estas características? Considero que essas sejam perguntas iniciais importantes e que abrem outra gama de questionamentos a serem enfrentados no cotidiano.

4. RCC - Qual a sua opinião sobre a adoção da perspectiva histórico-cultural como eixo norteador do Currículo em Movimento da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)?

Gabriela Mieto - Não sou especialista em currículos, uma vez que minha formação é fundamentalmente em Psicologia. Contudo, da experiência profissional e de investigação que

tenho no campo da psicologia escolar e do desenvolvimento, em estreita parceria com colegas da educação, entendo que o Currículo em Movimento da SEEDF é muito interessante e dialoga adequadamente com a perspectiva histórico-cultural. Ao articular os eixos de conhecimento transversais aos eixos integradores, o documento propõe uma meta a ser atingida, a cada ano, permitindo que o micro contexto seja avaliado, no sentido de conhecermos e compartilharmos um saber comum. Se isso for levado a sério, espera-se que o saber cotidiano, não científico, seja valorizado para que se transforme, em construção coletiva, em saber científico, resultando no desenvolvimento de habilidades e competências teóricas, práticas e reflexivas.

5. RCC - Como você vê a possibilidade da formação continuada contribuir para os professores cursistas na apropriação desse eixo norteador do Currículo - a Psicologia histórico-cultural - e na organização do trabalho pedagógico em uma perspectiva inclusiva?

Gabriela Mieto - A construção da educação inclusiva, com ênfase no que vem sendo proposto mundialmente na última década, tem como um dos alicerces a flexibilização curricular e, de certa forma, o Currículo em Movimento propõe aspectos muito próximos a essa ideia. Entendo que temos um documento que finalmente propõe adaptações amplas que não estão restritas ao público da educação inclusiva e, assim, gosto de pensar que é uma forma mais ampla em concebêmos e propormos a tão aguardada educação para todas e quaisquer pessoas. A formação continuada pode contribuir, sobretudo, ressaltando os aspectos da Psicologia histórico-cultural concernentes ao Tratado de Defectologia de Vygotsky, ampliando a discussão com trabalho de autores contemporâneos que estão ampliando essas pesquisas.

6. RCC - Na maioria dos cursos ministrados no Centro de Aperfeiçoamento dos profissionais da Educação (EAPE) há muitos relatos de professores cursistas sobre o crescimento de encaminhamentos e laudos referentes a diagnósticos de Transtornos Funcionais. Como você analisa esses relatos à luz desse contexto teórico?

Gabriela Mieto - Lamento saber que há muitos relatos como esses e espero, sinceramente, que o Currículo em Movimento, com as formações continuadas que certamente demandará, possa contribuir para reverter essa situação. Penso que o crescimento desse tipo de encaminhamento denuncia, exatamente, que a concepção de desenvolvimento humano predominante não costuma levar em consideração os processos de desenvolvimento, os contextos culturais, e as possibilidades de avanços que se constroem nas interações. É preciso estudar mais a teoria histórico-cultural, compreender melhor como de fato ela se alinha às práticas educativas, e divulgá-la de forma séria, adequada e reflexiva. Termino minhas considerações salientando a proposição com a qual comecei: os pressupostos de Vygotsky em seu Tratado de Defectologia, quando surgiram, foram de vanguarda, e seguem atuais. ■